

RUSSELL P. SHEDD
EDMILSON F. BIZERRA

UMA EXPOSIÇÃO DE
TIAGO

A SABEDORIA
DE DEUS

Shedd
publicações

Copyright © 2010 Shedd Publicações

1ª Edição - Agosto de 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME

Rua São Nazário, 30, Sto Amaro

São Paulo-SP - 04741-150

Tel. (011) 5521-1924

Vendas (011) 3577-0177

Email: sheddpublicacoes@uol.com.br

www.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-88315-99-0

REVISÃO: Regina Aranha

DIAGRAMAÇÃO : Edmilson F. Bizerra

CAPA: Samuel Paiva

Sumário

<i>Introdução</i>	7
Tiago 1	
Saudação — 1.1	11
Provações devem nos alegrar — 1.2-8	11
A saída para os imaturos — 1.5-8	21
Pobres e ricos — 1.9-11	29
Provações e tentações — 1.12	37
Tentação — 1.13-15	45
Contrastes e paralelos entre a tentação e a santificação — 1.16-18	53
Ouvindo e agindo conforme a Palavra — 1.19,20	56
Santidade — 1.21	60
Praticantes da Palavra — 1.22,25	66
Religião verdadeira — 1.26,27	70
Tiago 2	
Acepção de pessoas — 2.1-13	81
Fé e obras — 2.14-26	87

Tiago 3

O perigo da língua descontrolada — 3.1-6	97
O domínio da língua — 3.7,8	105
Incoerência no emprego da língua— 3.9-12	106
É possível identificar a qualidade da sabedoria pela sua fonte — 3.13-18	110
Sabedoria que vem do alto — 3.17	115
Conclusão — 3.18	117

Tiago 4

Mundanismo e santidade contrastados — 4.1-3	121
Os perigos da amizade com o mundo 4.4-6	129
Os mandamentos da piedade — 4.7-10	133
Julgar os irmãos é tomar o lugar de Deus — 4.11,12	143
A presunção dos ricos e a incompetência em planejar — 4.13-17	147

Tiago 5

Uma palavra aos ricos — 5.1-6	155
Paciência — a atitude essencial dos cristãos maltratados — 5.7-11	162
Palavras finais — 5.12	167
A oração de fé — 5.13-19	168
Conclusão	174

Introdução

A carta de Tiago difere das outras cartas do Novo Testamento pelo seu estilo, conteúdo e apresentação. A carta demorou a ser incluída no cânon do Novo Testamento. Martinho Lutero descreveu-a como uma epístola de palha. Mas todos, que confiando em sua inspiração divina e no fato que é a Palavra de Deus, serão ricamente compensados pela meditação e aplicação à vida de suas palavras. Agostinho confessou para Deus: “O que tuas Escrituras dizem, tu dizes!”. Kierkegaard tinha Tiago como sua Escritura predileta.

Quanto ao seu estilo, Tiago omite, quase por completo, uma discussão teológica. Suas pressuposições são ortodoxas. Seu estilo é direto e objetivo. Combate pecados e atitudes que prejudicam a vida e o testemunho dos cristãos. Apresenta o imenso valor de se viver segundo a sabedoria do alto, isto é, de acordo com a revelação de Deus.

O livro foi escrito aproximadamente entre 10 e 15 anos após a morte de Jesus. O discipulado que Jesus ordenou na Grande Comissão a seus seguidores para ensinar foi obediência a tudo que ele mesmo tinha passado para eles. Não nos surpreende descobrir que há doze nítidos paralelos entre o Sermão do Monte e Tiago (cf. Bíblia Almeida Século 21, p. 1238). Por isso, muito daquilo que vemos aqui podemos sentir as palavras de Jesus, como pano de fundo, temperando as palavras de Tiago. Mas além de ter Jesus como sua fonte, Tiago é um dos livros que mais tem referências diretas ou indiretas aos livros do Antigo Testamento. E dos 39 livros que com-

põem o Antigo Testamento, ele faz algum tipo de referência a pelo menos 22 livros.

E quem era Tiago? Esse nome pertencia a vários personagens do Novo Testamento. O primeiro mártir da igreja foi Tiago, o irmão de João, filho de Zebedeu. Tiago, filho de Alfeu se encontra na lista dos discípulos de Jesus, mas o Tiago que se destaca era coluna da igreja de Jerusalém (Gl 2.9). Esse último Tiago foi incluído na lista dos irmãos de Jesus (Mc 6.3; Mt 13.55). Foi designado como “apóstolo” em Gálatas 1.19. O fato de o Cristo ressurreto ter aparecido a Tiago (1Co 15.7) e de Paulo argumentar em favor do seu próprio apostolado com a frase “não vi Jesus, nosso Senhor?” (1Co 9.1), talvez explique porque Tiago estava incluído nesse círculo maior (além dos Doze) de líderes que foram reconhecidos como apóstolos. No concílio de Jerusalém (49 d.C), ele teve papel importante como bispo dessa igreja (At 15.13-21), sugerindo o envio da carta recomendando quatro abstenções que os crentes gentios deveriam observar (v. 20).

Os destinatários dessa carta foram as doze tribos dispersas entre as nações. Havia colônias de judeus em muitas cidades do império, e em algumas delas havia cristãos judeus, como sabemos que era o caso em Roma. Foram os distúrbios provocados por um “*Chrestos*” (muito provavelmente, Cristo), segundo o historiador Suetônio, que levaram o imperador, Cláudio, a expulsar os judeus da capital no ano 48 d.C. (At 18.2).

Os destinatários eram evidentemente judeus convertidos a Cristo que, naquela época, viviam dispersos por todo o mundo conhecido. A descrição deles como “as doze tribos dispersas entre as nações” reflete a maneira pela qual os escritores judeus falavam do Israel escatológico, uma vez que deixaram de existir as tribos do norte quando foram misturadas com o mundo gentio.

Como vemos em Atos, no episódio do Pentecostes da descida do Espírito Santo, vários judeus estavam vindo de diversas partes para Jerusalém, e esses judeus eram conhecidos como o povo da dispersão. É provável também que Tiago esteja fazendo uma referência

espiritual a essas pessoas. Ou seja, ele está escrevendo para o Israel de Deus que hoje é a igreja de Jesus.

Segundo Josefo, Tiago foi martirizado no ano 62 d.C. Nesse caso, a data de origem dessa carta teria que ser anterior. Pelas condições refletidas na carta, podemos identificar as regiões costeiras da Palestina e Síria, (em 5.7, há uma referência às chuvas do outono e da primavera, características daquela região) e dos que viviam luxuosamente da terra (5.5), latifundiários, frequentemente ausentes. Por isso, não devemos estar longe da verdade se atribuímos essa carta a Tiago, irmão de Jesus e líder da igreja de Jerusalém.

Como Tiago não toca na controvérsia que os judaizantes provocaram e que desembocou no Concílio de Jerusalém (49 d.C), podemos sugerir a data de 45-47 d.C. (cf. Douglas Moo, *Tiago*, Edições Vida Nova, 1990; pp. 33,34).

Tiago 1

SAUDAÇÃO — 1.1

Humildemente, Tiago se denomina como “servo” (*doulos*, lit. “escravo”) enquanto Judas, além de se descrever com “servo” (*doulos*), acrescenta “irmão de Tiago” (Jd 1.1). E ele, embora fosse “meio irmão de Jesus”, introduz sua carta se colocando não em uma posição de privilégio, mas de servo de Cristo, servo de Deus. Lembramos que durante a vida de Jesus na terra, seus irmãos não creram nele como o Messias ou o Filho de Deus (Jo 7.5). É provável que os irmãos de Jesus, pelo menos Tiago e Judas, converteram-se depois de ter se encontrado com Jesus após sua morte. O poder de transformar incrédulos em crentes convictos foi usado pelo Espírito Santo para transformar corações como daqueles que o rejeitaram, mesmo diante dos milagres estupendos que Jesus operara. Certamente, foi o caso desses irmãos, Tiago e Judas.

“Saudações” traduz a palavra grega *chairein* que vem da mesma raiz de “alegria” (*charan*, alegria), que aparece logo no versículo seguinte. Ela enfatiza o fato de que os cristãos, pertencentes à família remida por Cristo, têm motivos especiais para se alegrar no relacionamento que tem uns com os outros por causa dessa redenção.

PROVAÇÕES DEVEM NOS ALEGRAR — 1.2-8

Grandes companhias gastam bilhões na pesquisa, mas ainda não descobriram uma pílula que produza a felicidade. Os eruditos que escrevem tomos sobre a psicologia ainda não responderam definitivamente qual a razão da vida e o porquê da alienação. Quando, pelas circunstâncias, deveríamos ficar contentes e satisfeitos, um

espírito amargurado reclama e sofre do enfado. Como reagiríamos se estivéssemos sofrendo as perseguições que centenas de milhares de irmãos nossos enfrentam? Os destinatários para os quais Tiago escreveu essa carta também sofriram. Os leitores, irmãos de Tiago na fé, devem considerar os múltiplos tipos de provações que têm que passar como motivo de *grande alegria*. J. B. Phillips em *Cartas às igrejas novas* foi feliz em parafrasear as dificuldades, como “dar boas-vindas às provações como a amigos”. Se existem 85.000 variedades de moscas no mundo, acredito que pode haver um número igual ou maior de provações, portanto, Tiago não especifica quais seriam as aflições que muitos estavam enfrentando.

Ele também não poderia ser mais direto e prático na abertura de sua carta, abordando temas que todos nós sabemos o quão difícil são de ser tratados, principalmente para todos que se dedicam ao Senhor. O salmista Asafe enfrentando dificuldades contemplou até abandonar a Deus. No Salmo 73, ele apresenta diante de Deus seu desabafo:

“Certamente Deus é bom para Israel, para os puros de coração. Quanto a mim, os meus pés quase tropeçaram; por pouco não escorreguei. Pois tive inveja dos arrogantes quando vi a prosperidade desses ímpios. Eles não passam por sofrimento e têm o corpo saudável e forte. Estão livres dos fardos de todos; não são atingidos por doenças como os outros homens. [...] Certamente foi-me inútil manter puro o coração e lavar as mãos na inocência, pois o dia inteiro sou afligido, e todas as manhãs sou castigado” (Sl 73.1-5,13).

Blaise Pascal afirma acertadamente que a única motivação humana para agir é a busca pela felicidade, mas seguramente, ninguém imaginaria que o sofrimento seja o caminho para a felicidade. Tiago por certo aprendeu com Jesus que os bem-aventurados (*makarioi*, “felizes”) são os perseguidos por causa da justiça (Mt 5.10). É claro que não porque sofrer seja gostoso, mas porque o fruto da provação confirma que a fé do crente não é imaginária.

Os cristãos fiéis, por vezes, não compreendem o porquê das provações e dos problemas que enfrentam, quem dera os que os incrédulos enfrentam. As pessoas acham injustiça demais da parte de um Deus amoroso permitir que seus filhos sejam atordoados, abalados e até sofram problemas nessa vida. Alguns têm uma ideia formada de que o sofrimento em si é, no mínimo, uma crueldade da parte de Deus. Junto com esse questionamento vem também a questão da existência de Satanás no mundo que também aflige o mal. E se ele é Deus como diz ser, por que não acabar com esse problema de uma vez por todas? Ou como disse uma criança um dia, por que Deus não mata o Diabo a pauladas e acaba logo com esse problema?

Temos uma ideia errada de que tudo que traz algum tipo de alegria prazerosa deve ser buscado, ao mesmo tempo que tudo que não é agradável precisa ser deixado de lado, evitado. Assim, Tiago começa nos desafiando a ter uma atitude totalmente diferente com relação aos problemas e dificuldades que já enfrentamos, teremos que enfrentar, ou até estamos enfrentando no momento.

O apóstolo Pedro certamente concordaria com as palavras de Tiago. Como ele mesmo declarou: “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo [*poikilois*, literalmente uma variedade] de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado” (1Pe 1.6,7).

Naturalmente, quem sofre assaltos, aflições ou ataques, pode pensar que um azar cego e cruel o atingiu. Ou que talvez o Diabo esteja, como no caso de Jó, por trás das provações. A opinião geral acusa o Diabo de ser o inventor do prazer, e não Deus. Aquele que pensa dessa forma, seria o mesmo a concluir que sofrimento, sendo o oposto do prazer, vem também do Diabo. Consequentemente ficaria angustiado e abandonaria o caminho espinhoso da vida para viver mais feliz. Mas Tiago e Pedro aprenderam com Jesus que a

felicidade não depende das circunstâncias exteriores ou materiais, mas de uma atitude produzida pelo Espírito. O sofrimento em si é amargo, mas o fruto amadurecido tem um sabor delicioso e uma qualidade excelente. Antecipando os benefícios produzidos pelas provações, podemos regozijar.

Há também uma tendência errada de ligar o sofrimento ao pecado. Se ofendemos a Deus, então ele nos punirá até que a ofensa seja retirada. Mas não podemos confundir as consequências diretas do pecado que geram sofrimento com retaliação da parte de Deus. “O Senhor disciplina a quem ama” (Hb 12.6). Mesmo as dificuldades devem ser vistas como disciplina, como Deus nos tratando como filhos amados (Hb 12.7). Por outro lado, não temos como saber afirmar categoricamente que todo sofrimento é fruto do pecado, como a história de Jó nos ensina.

Tiago nos instrui a considerar as provações (*peirasmoi*, provações, tentações) como motivo de grande alegria por causa do caráter que elas produzem na pessoa que as suporta. Como diria um amigo, será que Tiago não se esqueceu de incluir o advérbio “não”? “Não considerem motivo”, não seria a leitura mais fácil do texto? Pois afinal de contas, a experiência diz que ninguém considera naturalmente o fato de estar enfrentando problemas algo para se alegrar.

O pior não é que devemos apenas considerar motivo de alegria, mas de *grande* alegria e mais, não apenas algumas provações, mas *várias* provações. Alguns argumentam que aqui seria apenas o fato de sermos perseguidos por causa do Evangelho, pois as palavras de Tiago aqui lembram as palavras de Jesus no Sermão do Monte em Mateus quando Jesus disse: “Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (5.11,12).

Em parte é verdade que Tiago deveria estar pensando na questão da perseguição aqui, só que sua definição de provação ou tribulação

é bem mais abrangente, uma vez que no contexto mesmo ele vai incluir questões espirituais (oração por sabedoria, vv. 5-8), questões econômicas (ricos e pobres na igreja, vv. 9-12), questões morais (ser tentado e cair na tentação, vv. 13-15). Por conta disso, podemos entender que as provações aqui abrangem várias áreas da vida — a espiritual, a moral e a econômica — e, até mesmo, a questão da perseguição.

Tiago também espera, portanto, que seja qual for nossa situação devemos ter uma atitude que, com certeza, seja totalmente diferente daquela que o mundo esperaria. E a atitude que precisamos aprender a ter é de alegria independentemente da circunstância. O que quer dizer que o Senhor espera de nós não é uma atitude de desespero, mas de confiança.

Por que a provação não é sem razão na nossa vida, mas ela tem um propósito que nos beneficia. E esse *considerar as provações* geram quatro resultados que ultrapassam em muito o preço do árduo e caro investimento no sofrimento.

Primeiro, gera a perseverança ou constância (*hupomonen*, literalmente paciência refere-se a essa virtude, produzida pela aflição aguentada, Rm 5.3). Mas o cristão que não foge, mesmo quando a porta de escape está aberta, tem de ter a certeza que o investimento vale a pena.

Ninguém aqui ficaria triste ao saber que teria que enfrentar uma fila gigantesca, como é de praxe em um banco em dia de pagamento, estando ciente de que depois de fazer seus pagamentos receberá um cupom premiado que lhe dá direito a uma casa. Qualquer um nessas condições certamente enfrentaria não uma hora de fila, mas um dia de fila e com um grande sorriso no rosto. Da mesma forma, exercitamos a alegria no processo de teste pela convicção que o resultado final e, até mesmo, o processo — por mais doloroso que este de fato seja — são instrumentos de Deus para produzir uma fé perseverante e também nossa aprovação. Pois, primeiro, temos garantia que passaremos pelo teste e, segundo, que algo bom ficará desse teste para o resto de nossa vida.

Conheci uma pessoa que trabalha em uma empresa que desenvolve *softwares* de simulação. As empresas, por intermédio desses *softwares* de simulação, podem não somente economizar uma fortuna em testes como também podem prever vários problemas. Agora imagine se uma empresa de aviação não tivesse como fazer testes? Ou se ela nem se preocupasse em fazer testes antes de voar uma aeronave? Se você estivesse com passagem marcada para passar férias em alguma cidade brasileira em um desses aviões novinhos recém-chegados da fábrica, você entraria nesse avião? Você viajaria mesmo sabendo que ele nunca tinha sido testado nem por simuladores nem por ninguém, e seu voo serviria de voo teste?

Devo confessar que seria a primeira pessoa a cancelar a minha passagem. E acredito que a grande maioria dos passageiros faria o mesmo. Agora alguns de nós poderíamos até questionar Deus sobre a razão de ele permitir e até planejar que nossa fé fosse propositalmente testada. Mas quantos de nós gostaríamos de saber que em virtude de nossa fé nunca ter sido testada que ela corre o risco de jamais nos conduzir ao destino final que tanto esperamos? Será que, ainda assim, alguém se aventuraria a abrir mão do teste sabendo que sem esse teste seu destino não seria o destino que sempre esperou?

Creio que ninguém aprovaria esse tipo de situação insegura. Por isso, Tiago pode nos encorajar nos lembrando de algo que deve ser sabido de todos nós, isto é, que neste mundo passaremos por aflições, e isso não quer dizer que seja totalmente ruim, muito ao contrário, a prova, o teste que nossa fé passa tem o objetivo de produzir em nós perseverança.

É importante também ressaltar que o teste se mostrará eficaz em produzir perseverança se encararmos a provação como motivo de alegria, do contrário, não cresceremos em perseverança, mas cresceremos em murmuração, lamento, rancor, ira, mau humor, medo, desconfiança ou falta de fé.

Exatamente como aconteceu com o povo de Israel quando Deus o colocou a prova e eles se recusaram a abraçar aquela experiência

como parte dos testes necessários antes de entrar na terra prometida. Diante da circunstância adversa, eles desconfiaram da presença e bondade de Deus. Em vez de agir com confiança diante de tudo aquilo que Deus já tinha feito e prometido, eles acabaram ficando paralisados com o medo e o resultado não podia ter sido dos piores diante de tamanha murmuração (Nm 14).

O que o Senhor espera de nós é a mesma atitude demonstrada pelo patriarca Abraão quando foi posto à prova com relação à entrega do seu filho. Isaque era o filho da promessa, o filho tão esperado, o filho da velhice, o que significa que ele teria de abrir mão de todos os sonhos que ele tinha projetado para aquela criança, mas a reação dele foi até surpreendente. Ele confiou que Deus proveria uma resposta para seu dilema. O que coube a Abraão, ele fez — obedeceu à palavra do Senhor. Sua fé foi provada, e seu teste, como o processo de purificação da prata, produziu perseverança.

Por isso, a perseverança aqui não é uma atitude passiva de entrega; muito ao contrário, é uma atitude de ação, ativa e de força e coragem. É uma resposta desafiadora mais do que uma simples entrega passiva diante da situação quando não temos o que fazer a não ser esperar. Perseverar, então, é se segurar em Deus e estar confiante em seu poder e fidelidade. E, para se fazer isso, é preciso sim uma atitude verdadeira de nossa parte.

Muitos podem pensar que, nas provações, a entrega pode parecer o caminho mais fácil diante do grau de dificuldade e o tamanho dos problemas, pelo menos momentaneamente, mas, na verdade, entregar-se não deixa de ser o caminho mais improdutivo e prejudicial a longo prazo. Pois quando nos entregamos ao medo e à falta de confiança em Deus, abrimos mão de ter nossa fé provada, ou seja, de aprender perseverar.

Segundo, quando a perseverança completa sua ação, ela produz maturidade ou perfeição (*teleioi*). Jesus também falou: “Sejam perfeitos [a mesma palavra no grego], como perfeito é o Pai celestial de vocês” (Mt 5.48). Paulo entendeu que o alvo do seu ministério

como um todo seria desenvolver homens perfeitos (*teleioi*). “Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito [*teleios*] em Cristo” (Cl 1.28). Paulo reconheceu que não eram apenas provações que produzem maturidade, mas fé acompanhada por ensino bíblico. Cria as certezas que seguram a árvore na tempestade com raízes que crescem e se aprofundam em circunstâncias adversas.

Talvez alguém pudesse até questionar se valeria à pena pagar um preço que seja tão alto diante das circunstâncias que passa. E sua conclusão talvez fosse que seria bem melhor se a vida fosse uma brisa do começo ao fim. Mas quantos de nós que precisamos comer temos uma dieta alimentar só de frutas verdes ou comida crua? Isso seria contrário ao que é natural na vida?

Da mesma forma, a falta de maturidade para um cristão é contrária ao seu propósito de existência como filho de Deus em um processo de aperfeiçoamento. Pois o propósito maior de Deus para nós é que sejamos pessoas aperfeiçoadas de tal forma que possamos atingir a maturidade e a integridade total para que não tenhamos falta em nada. Ou seja, Deus está nos preparando para a perfeição.

A nossa resposta positiva à palavra de Deus, e, nesse caso, nossa atitude com relação aos nossos desafios nessa vida — de considerá-los como *motivo de grande alegria*, sabendo que eles produzem perseverança; e a perseverança, caráter aprovado — exercerá influência direta na vida eterna. Quantos de nós nos damos conta que tudo o que fazemos hoje e como nos portamos agora tem efeitos para toda a eternidade?

E rejeitar a prova de Deus, no sentido de agir totalmente na contramão daquilo que Tiago coloca aqui, com medo, rancor, raiva diante das provas, rouba de nós a oportunidade de darmos mais um passo para o nosso crescimento e amadurecimento para atingir a vontade de Deus em nossa vida.

Creio que o grande dilema que temos aqui é que confundimos o fato de sermos adultos, já com idade, com seus privilégios e direitos

na sociedade, com o fato de sermos já adultos na vida cristã. E essas coisas são totalmente diferentes. Não é a mesma coisa dizer que porque sou maior de idade que eu já atingi a fase adulta da fé cristã. Na verdade, a grande maioria de nós adultos não passa de crianças em nossa fé. E se não nos damos conta disso passaremos o resto da nossa vida sendo provados e reprovados, mantendo-nos no maternal no que diz respeito a nossa vida espiritual. O que é uma vergonha para nós.

Terceiro, produz integridade (*holokleroi*, veja 1Ts 5.23 em que foi traduzido por “irrepreensíveis”, ARA), no sentido de preencher as lacunas e buracos escondidos no caráter. Uma árvore que tomou no temporal perto de nossa casa alguns meses passados, não teria caído se o tronco não tivesse partes enfraquecidas, mas que, aos nossos olhos, não eram visíveis. As aflições, por outro lado, revelam o interior do coração dos filhos de Deus.

Como um pequeno sache de chá, somos colocados na água quente a todo o instante, e isso dói. Mas a garantia é que abraçando a vontade de Deus e considerando motivo de grande alegria, por mais difícil que seja, chegaremos do outro lado confirmados e aprovados. Seremos pessoas realmente aperfeiçoadas para a eternidade. Será que só por conta dessa promessa não valeria a pena todo o sofrimento?

A vida cristã será repleta de dificuldades e de testes, e esses testes não são para nos destruir nem para destruir nossa fé, mas para que possamos vencê-los. Não são para roubar nossa energia, mas para revigorar nossa fé e força naquele que nos chamou e nos equipou para vencer as lutas. Eles não são para nos desanimar, mas para nos motivar a prosseguir. Não são para nos paralisar, mas para nos motivar a continuar no caminho do Senhor. Por que o alvo do Senhor é o nosso amadurecimento, nossa integridade.

Quatro, “faltando nada”, isto é, tendo o caráter que agrada a Deus e fica em pé a despeito de todas as forças que surgem para abalá-lo. O apóstolo explicita essas virtudes em 2Coríntios 4: “De

todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desamparados, somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos” (vv. 8,9).

Uma cintilante ilustração dessa maturidade é ilustrada na pessoa de Wilberforce, que viveu a quase duzentos anos atrás em Londres. William Wilberforce lutou no Parlamento Britânico de 1787-1807 até promulgar a lei contra o comércio de escravos. Sofria de uma doença dos intestinos que somente melhorou com pílulas de ópio tomadas três vezes por dia, o único remédio conhecido na época, que aliviava as dores e diarreias. Aos poucos, o ópio produzia cegueira progressiva. Mal podia ler nas manhãs. Sua esposa Bárbara ficou deprimida. William, o filho mais velho se desviou da fé, provocando uma agonia angustiante (voltou para a fé depois). Suas derrotas sucessivas no Parlamento, em vez de derrubá-lo, pareciam dar-lhe mais coragem, a despeito das críticas incessantes.

William Corbett, também membro do Parlamento, tinha 1.300 escravos. Foi um dos mais ferrenhos opositores às repetidas tentativas de Wilberforce de promover a aprovação da lei contra a comercialização de escravos. Corbett declarou no parlamento que Wilberforce nada fez pelos pobres da Inglaterra, as crianças forçadas a subir nas chaminés para tirar a fuligem, os cortadores de pedras, tão pobres que cobriram as costas com sacos de pano e amarravam palha em volta das pernas para combater o frio. Corbett disse que eles teriam alegria em lambar os pratos dos escravos negros gorduchos. Além disso, a proibição ameaçava provocar a ruína da economia inglesa.

Disse, John Piper em sua biografia de Wilberforce: “Alicerces, edificadas na rocha das doutrinas bíblicas da sua fé, seguraram esse determinado e alegre servo de Deus até sua morte aos 74 anos — apenas alguns dias após a abolição da escravatura no Império Britânico”.

Winston Churchill disse: “As críticas servem o mesmo propósito da dor”. Tiago acrescentaria: e as dores físicas e os sofrimentos mentais servem para fortalecer sua fé, a não ser que essa fé seja espúria.